

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Paulo Bier Barcelos

Do silêncio ao gesto: uma travessia a passos largos

Porto Alegre
2019

PAULO BIER BARCELOS

Do silêncio ao gesto: uma travessia a passos largos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord.

Porto Alegre
2019

Nome: Paulo Bier Barcelos

Título: Do silêncio ao gesto: uma travessia a passos largos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Profª Drª Ana Lúcia Mandelli de Marsillac
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Profª Drª Cláudia Bechara Frölich
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Faculdade de Educação (FACED)

Profª Drª Simone Zanon Moschen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura

AGRADECIMENTOS

À professora Marta Regina Leão D'Agord, por sua generosidade e delicadeza na transmissão. Compartilhar da tua simplicidade é um dos mais intensos ensinamentos de vida.

À Silvia Eugênia Molina por transmitir uma clínica radicalmente autêntica e sensível às produções das crianças. Este trabalho carrega como referências fundantes as tuas palavras.

À professora Simone Moschen pela voz doce e palavras precisas. O sopro do teu encantamento pela transmissão foi um dos combustíveis desta pesquisa.

À professora Cláudia Bechara, pela sensível alteridade e acolhimento. Pela disponibilidade em se surpreender e pelo cuidado desde a partida.

À professora Ana Lúcia Mandelli de Marsillac por aceitar participar desta travessia e emprestar sua singularidade a esta navegação. Tua interlocução desde a terra de Camões não poderia ser mais apropriada.

Ao meu pai, por me transmitir um encantamento pelo campo e as pessoas. Tua humildade e hombridade são as marcas que contarei aos meus filhos.

À minha mãe, por me transmitir a paixão pela psicanálise de modo ético, sensível e corajoso. Tua aposta carinhosa é o carrego sobre semear palavras.

Ao meu irmão Guilherme, pelas múltiplas formas de amor.

Ao meu primo Gustavo Barcelos, com quem dividimos a “oficina” nos últimos anos. Irmãos não se restringem a laços sanguíneos.

À Karina, que com muito amor dividimos a nossa parte mais bonita: a parte que não nos pertence.

Aos meus pacientes que ao longo destes anos seguem me ensinando diariamente sobre os impossíveis da transmissão.

E por fim ao Edson Sousa: Pela escuta capaz de produzir uma outra relação com o tempo e o espaço. Tuas palavras seguem germinando...

RESUMO

Barcelos, P. B. (2019). *Do silêncio ao gesto: uma travessia a passos largos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Esta dissertação tem como intenção problematizar a transmissão a partir da experiência clínica de atendimentos de crianças no dispositivo de equoterapia. A metodologia deste trabalho foi através da pesquisa psicanalítica tendo como produto desta investigação um ensaio meta psicológico enquanto texto final, onde versam três casos clínicos. As elaborações teórico-clínicas deste trabalho foram produzidas também ancoradas no campo arte e da filosofia. Buscamos uma aproximação entre o saber fazer com o impossível da transmissão em psicanálise, enquanto recurso clínico na clínica dos sujeitos em constituição. As linhas que se seguirão deste texto, especialmente com os casos clínicos aqui desenhados, circunstanciam as encruzilhadas teórico-clínicas justamente dos seguintes pontos: – a verdade do sujeito, a transmissão, o saber-fazer, a política – na medida em que entendemos que eles constituem parte nodal do fundamento da clínica psicanalítica com crianças.

Palavras-chave: Psicanálise. Transmissão. Crianças. Equoterapia. Saber-fazer.

From silence to gesture: a rushed crossing.

Abstract. This article has as its intention to question the experience transition originated in clinic for children support with equine therapy. The in-clinic theory elaboration was made based on the psychoanalytic field linked to art and philosophy. We, as operating in the clinic of the subjects in constitution, showed the approach of the psychoanalytic hearing-reading with the impossible feature of transmission in psychoanalysis. From the psychoanalytic experience, the equine therapy feature gains one specificity, causing the clinic-theory crossing on the following points: the subject's truth, the transmission, the know-how, the politics. In this work the relevance of these points is pointed out for children psychoanalytic clinics.

Keywords: Psychoanalysis. Transmission. Children. Equine Therapy. Language.

SUMÁRIO

1. NOTAS DE ABERTURA	8
2. NOTAS SOBRE UM PERCURSO METODOLÓGICO	12
2.1 O ENCONTRO COM CLÍNICA	15
2.2 DO CAMPO À FOLHA: A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE CLÍNICA E TEORIA	17
2.3 A CONSTRUÇÃO DO ENSAIO ENQUANTO REINVENÇÃO DA ESCUTA	19
3. FRENTE AO IMPOSSÍVEL DA TRANSMISSÃO: O EQUÍVOCO COMO OPERADOR DA VERDADE	Erro! Indicador não definido.
4. DO SILÊNCIO AO GESTO: UMA TRAVESSIA A PASSOS LARGOS	Erro! Indicador não definido.
4.1 INTRODUÇÃO CASO FRANCISCO	Erro! Indicador não definido.
4.2 DAS PEGADAS DO CAVALO AOS PASSOS DO PAI	Erro! Indicador não definido.
4.3 O ENCONTRO COM A PALAVRA ENQUANTO VESTÍGIO DA PROCURA DO OUTRO	Erro! Indicador não definido.
4.4 O MONSTRO QUE PISA FORTE!.....	Erro! Indicador não definido.
4.5 CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE	Erro! Indicador não definido.
4.6 “HIPONEITIZADO”	Erro! Indicador não definido.
4.7 A EMERGÊNCIA DA VERDADE DO SUJEITO COMO ATO POLÍTICO	Erro! Indicador não definido.
4.8 DA BABA À BARBA	Erro! Indicador não definido.
4.9 A PALAVRA E SEUS EFEITOS	Erro! Indicador não definido.
4.10 MEU FILHO, TU ÉS (UM) BAGUAL.....	Erro! Indicador não definido.
4.11 UM CORPO DESVELADO: A ESPERA DA CRIANÇA QUE AINDA JÁ NASCEU	Erro! Indicador não definido.
4.12 A FUNÇÃO ESTRUTURANTE DO ESPANTO/SURPRESA COMO OPERAÇÃO DE INSCRIÇÃO	Erro! Indicador não definido.
4.13 OUTROS DESTINOS PARA ALÉM DO BAGUAL ...	Erro! Indicador não definido.
5. A CRIANÇA ROUBADA	Erro! Indicador não definido.
5.1 O FIM ANTECIPADO DO TRATAMENTO	Erro! Indicador não definido.
5.2 A CRIANÇA ADOTADA: DO VAZIO À COMPLETUDE DA FANTASIA DO OUTRO	Erro! Indicador não definido.
6. QUANDO O PAI NÃO SE DEIXA TRANSPOR	Erro! Indicador não definido.
6.1 QUANDO A PALAVRA NÃO FAZ ENCONTRO.....	Erro! Indicador não definido.
7. MOMENTO DE CONCLUIR: UMA ESCRITURA QUE NÃO CESSA	97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
---	------------

*Escrever só é possível com carne e sangue
porque, ao mesmo tempo,
só na arte seria possível uma união incessante entre amor e alguma lucidez.*
Yukio Mishima

1. NOTAS DE ABERTURA

Os interrogantes desta pesquisa psicanalítica, ensaiados na presente dissertação, tiveram como ponto de partida a experiência de atendimentos clínicos no dispositivo de Equoterapia da Apae¹ de um município gaúcho. Na época ainda cursava o final da graduação de psicologia e me preparava para o trabalho de conclusão de curso. Uma das questões me chamava atenção era o crescente número de crianças que chegavam à instituição com sintomas clínicos cada vez mais severos e precoces.

Em meio a esta situação, o que encontrava na faculdade era um conhecimento insuficiente às perguntas que constituía na clínica. Insuficiente porque tratava a criança disjunta do sintoma dos pais. Isto é, o que estava em questão era um saber mecanicista que propunha como ideal o apagamento dos sintomas com técnicas generalistas que não levava em conta o saber dos pais muito menos da criança.

Concomitante a isso o Brasil vivia uma das páginas mais obscuras de sua história: o impeachment político arquitetado sordidamente por uma pauta neoliberal impunha mais do que uma nova forma de ordenamento econômico, mas uma nova razão para um novo sujeito. Com efeito, o que víamos nas ruas, noticiários e nas instituições era o recrudescimento de um discurso marcado por uma lógica gerencial o qual se apropriava dos espaços públicos e tomava as leis como instrumentos cujo valor se restringia a realização de determinados interesses econômicos. Nesta via, as responsabilidades sociais eram suprimidas em nome da maximização do lucro.

Com relação a isso pensava: qual era a relação entre esta conjuntura social-política e os sintomas clínicos que percebia nas crianças que chegavam ao dispositivo de equoterapia? Outra questão importante era a distância do conhecimento que circulava na faculdade e o modo como se constituía esta relação de ensino-aprendizagem, tomando o aluno como um rele operador de uma prática que se constituía independente de sua posição em relação ao Outro. Com efeito, o que se constituía comumente era um *modus operandis* burocrático e, deveras, por muitas vezes cínico. No tocante a isso, recordo-me das palavras de George Steiner, filósofo francês contemporâneo, quando este dizia que algumas universidades conseguem conviver lado a lado (mas indiferentes) com campos de concentração.

Nesta perspectiva, o que mais me chamava à atenção era a ideia de uma repetição de práticas e discursos políticos até então adormecidos desde o final da ditadura civil militar de 1964-1985. Sendo assim, pensava qual era a relação entre o apagamento da história do Brasil

¹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

e a situação que vivíamos em 2016. Com relação a isso havia outro interrogante: qual seria a relação entre os sintomas das crianças e *onã saber* dos pais relativo a não só a história da família, mas também ao desejo de saber dos próprios filhos? A ideia de que um saber procedimental pudesse ocupar estes espaços da produção de narrativas singulares das famílias destituía qualquer possibilidade de construção de um enigma familiar, ou de um saber que fosse *nã anônimo*.

Com efeito, formulei naquele momento como interesse de pesquisa a seguinte temática: um estudo histórico psicanalítico frente ao golpe civil militar de 64 e os sintomas sociais contemporâneos. Foi ainda debruçado sobre esta temática de investigação que iniciei no PPG de Psicanálise: Clínica e Cultura.

Posto isso, buscara algumas bibliografias que pudessem me amparar nesta travessia acadêmica, na idéia de sustentá-la e legitimá-la. Consultando alguns livros na biblioteca de minha família, lugar onde perfilava uma inestimável oferta de livros principalmente de psicanálise e filosofia, encontrei um título que me parecia muito interessante, “Ética: um ensaio sobre a consciência do mal”, escrito pelo filósofo marroquino Alain Badiou. Após ler e reler muitas vezes o livro, desloquei o meu interesse de pesquisa para a seguinte questão: a verdade do sujeito enquanto um ato político. Deste modo, tinha como interesse de pesquisa propor uma relação entre a filosofia de Badiou e a experiência clínica psicanalítica com as crianças no dispositivo de equoterapia. Mais especificamente, propunha uma articulação entre alguns conceitos do autor (verdade, fidelidade, acontecimento, indecidibilidade, indiscernível, múltiplos) e o que sublinhamos como alguns fundamentos da clínica psicanalítica, especialmente, no que diz respeito à clínica de sujeitos em constituição.

Sendo assim, um dos primeiros capítulos da dissertação foi escrito impulsionado por esta tentativa de aproximação entre a psicanálise e a filosofia de Badiou. Contudo, esta parte diz respeito precisamente ao início da pesquisa, mais especificamente até o momento da Qualificação do projeto de pesquisa, quando fez-se um ponto de corte no curso do texto e de sua articulação teórica.

Entre o feroso sopro e o vasto espaço da sílaba medida²

A proposição desta subseção representa uma ruptura determinante na direção desta pesquisa acadêmica. Tomarei este desvio, mudança, como um sopro a apontar outros

² Trecho do poema de Sophia Mello BreynerAndresen.

horizontes. Para ser mais preciso, trato da experiência de qualificação, em que o diálogo em alteridade com os professores foi um capítulo decisivo deste percurso. Perceber os estranhamentos e apontamentos oriundos da leitura desses outros me fez recolocar em questão a minha posição de pesquisador relativa ao meu interesse de pesquisa. Dito de outro modo, resgatar a originalidade da investigação era uma condição para poder seguir. E, para isso, seria necessário que o arcabouço teórico da filosofia badiouana, sua formalização conceitual (que outrora parecia-me imprescindível para tentar dizer do objeto da minha pesquisa), não se sobrepusesse ao meu ensaio teórico-clínico enquanto pesquisador psicanalítico e, portanto, a minha posição autoral.

Frente à minha aguda expectativa e idealização que se entrelaçava na produção desta pesquisa, como aparar esta dívida interminável? Com relação a isso, carrego um saber específico desta questão construído em análise. Inadimplir. Quando a dívida é demais, não se paga! Neste caso, a falência do Ideal implicou a queda de uma suposta expectativa a ser cumprida, podendo fazer outras composições das fontes bibliográficas (e familiares) das minhas investigações. Perceber o cuidado da banca em reconhecer os pontos do trabalho que embora discretos, fossem exatamente aqueles que eu gostaria de me estender, representou a assinatura da carta de alforria em relação a este ponto das minhas neuroses quanto à produção deste texto.

Na sequência deste inédito e convocante caminho, procurei seguir as coordenadas do meu desejo em relação à alteridade dos demais professores e interlocutores que fizeram parte desse percurso. Deste modo, procurei reconhecer aquilo que havia restado: o que me fez chegar até aqui e, sobretudo, qual a minha relação entre a psicanálise e a transmissão?

A partir do momento que organizei estas questões não pude me demorar. Retomar a caminhada que me fez chegar até ao mestrado já era um indício dos mapas que procurava. Reescrever estas coordenadas era reconhecer na minha história uma alternativa frente a um naufrágio até então inevitável.

Posto isso, esta pesquisa tem como intenção produzir um outro destino aos restos que insistem. Se escrever é inevitavelmente elaborar uma experiência de perda, proponho aqui um outro desfecho: Retomando a ideia da dívida, escrever é um outro modo de *apagar/ há pagar*. Justamente, esta relação que proponho entre o que aprendi com a clínica de crianças, e a tentativa de escrever um ensaio acadêmico: construir *um saber- fazer com* o impossível da transmissão – e que, neste caso, a própria dissertação é fruto disso –. Isto é, uma escritura que não cessa, mas que ao mesmo, faz das suas ruínas a expressão máxima de uma verdade efêmera localizada entre alguns instantes desta travessia de mestrado.

As linhas que se seguirão deste texto, especialmente com os casos clínicos aqui desenhados, circunstanciam as encruzilhadas teórico-clínicas justamente desses pontos – a verdade do sujeito, a transmissão, o saber-fazer, a política – na medida em que entendemos que eles constituem parte nodal do fundamento da clínica psicanalítica com crianças.

*“Nós nunca olhamos somente para um objeto,
estamos sempre olhando a relação entre esse objeto e nós mesmos”*

John Berger

2. NOTAS SOBRE UM PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de compartilharmos com o leitor o caminho metodológico da nossa pesquisa, me parece importante destacar aos supostos destinatários deste escrito alguns elementos que me fizeram percorrer este caminho. Pontuo desta maneira, pois a composição desta dissertação está diretamente relacionada às minhas experiências enquanto sujeito.

Em primeiro lugar, a seguinte questão: porque a psicanálise? Devo dizer que a escolha da psicanálise, conforme a minha leitura, é um efeito de entrecruzamentos de histórias, narrativas e experiências. Trata-se de uma combinação, um tanto improvável, constituinte da minha curiosidade acerca dos encontros e desencontros da palavra. Talvez estes dois elementos, - palavra e improvável, já apontem uma significativa direção a respeito da minha escolha sobre a teoria do inconsciente.

No caso da minha história, tenho claro de que o contraste entre a tradição familiar do meu pai e da minha mãe foi um elemento que me demandou um grande esforço psíquico para me incluir nestas distintas narrativas familiares. É fato que havia convergências importantes, tais como a mesma cidade e paixão por seu objeto de trabalho, que apesar de serem distintos um do outro, eram, semelhantemente, muito investidos.

De um lado, a minha família materna era constituída pela minha avó de família portuguesa e meu avô de origem alemã. Embora vivessem no interior, na cidade de Santo Antônio da Patrulha, ambos tiveram a oportunidade de sair de casa, ainda crianças para estudar. É importante sublinhar que esta possibilidade de estudar em boas escolas e ter acesso a múltiplas referências culturais eram, absolutamente, raras. Deste modo, os dois ainda crianças para terem acesso à outra condição de vida tinham que se a ver com distância de casa e com a expectativa familiar, que havia investido o pouco que tinha na possibilidade de um futuro com múltiplas possibilidades. Com relação a esta história, a suposição de seus pais, meus bisavós, era um recurso propulsor nesta difícil e precoce travessia. Ainda a respeito deste caso, o que me parece mais extraordinário, sobretudo, no caso da minha avó é sua relação entre o desejo de ser professora e os seus próprios limites. Viver durante quase dez anos em um internato católico rígido, distante da sua família, foi suportável, pois estava

ancorado no seu sonho: ser professora, isto é, transmitir através do ensino elementos que constituíssem uma situação de transformação social no seu município de origem.

Remeto de modo breve, minha história familiar, pois reconheço nela elementos cruciais presentificados neste escrito. Como ponto de partida, as primeiras imagens que me vêm cabeça são as suas muitas histórias da minha avó materna. Não tive a oportunidade de conhecer muito meu avô, ele faleceu quando tinha pouco mais de um ano de idade. Contudo, ela soube me apresentar suas múltiplas histórias. Com a minha avó também, descobri o prazer pela ficção, me perguntava ela de modo carinhoso: “filhinho, para onde nós iremos viajar hoje?” Assim, sentávamos na sua varanda a sombra do abacateiro e do pé de ipê branco e viajávamos sem hora para voltar. Junto a ela, pude constituir um sentido possível à dimensão de experiência: como aquilo capaz de desprender o sujeito de si mesmo, remetendo-o a uma temporalidade que não fosse a mesma do relógio. Escutar a sua narrativa era ao mesmo tempo, um modo de reconhecer em mim, a minha própria autoria. No sentido de que aquilo que eu escutava estava diretamente remetido ao meu prazer de imaginar. Ou seja, com o que eu gostaria de devanear?

Nestas viagens, em que o destino era colocado em suspensão, pude “participar” de inúmeras epopeias. Tais como: as expedições de Saint-Hilaire, a queda da bastilha, a história dos tropeiros e bandeirantes que coincidiam com o mito de fundação do município, entre outras tantas. O prazer pelo conhecimento do meu avô me era transmitido na doçura das palavras e imagens que minha avó me emprestava. Tão logo o mundo ficou pequeno, e estas narrativas se desdobraram na curiosidade sobre os países, política, pessoas e assim por diante.

Do outro lado da família, as referências que me apresentavam eram diversas e diferentes. Não tive tanta proximidade com os meus avós paternos assim como do lado materno. Contudo, tive a sorte de ser apresentado para diversas pessoas que tiveram importância preponderante na minha vida. Na maioria, funcionários que trabalhavam no campo e tinham imensa paciência para me ensinar o “savoir-faire” do campo. O espaço em que estas narrativas se desdobravam era sempre muito simples. De modo geral, bucólico. Neste caso, o que me chamava atenção era a relação entre os funcionários, meu pai, avô com a terra e os animais. O ritmo era apresentado pelo tempo, assim havia um consentimento entre as pessoas o dia e a noite. O silêncio da noite no campo parece não se atrever a desviar o brilho do luar.

Para além da relação com a natureza, algo mais me encantava. Nasci no início dos anos noventa, assim durante minha infância, concomitantemente, o campo sofreu com os efeitos do avanço tecnológico. Foi uma transição muito rápida. Houve um grande êxodo rural,

os filhos de quem trabalhava no campo passaram a trabalhar nas fábricas e, para seguir no campo, seria necessário reinventar as práticas agrícolas. Desse modo, havia um grande desafio: conjugar o manejo agrícola com a demanda crescente do mercado, que cada vez valorizava menos o produto, forçando o produtor aumentar a sua escala e tornar-se um empresário rural.

Em meio a essa realidade social que o país vivia, eu ainda criança não compreendia toda esta relação socioeconômica. Porém, algo me chamava atenção: havia, notoriamente, uma expressão de sofrimento. Os funcionários com que convivi na maioria sofriam com o alcoolismo, desenvolveram doenças cardiorrespiratórias efeito do fumo reiterado. E para além da materialidade destas doenças, havia algo que não era reconhecido. O deslocamento das atividades econômicas para os centros urbanos tornou o interior (meio rural) sinônimo de esquecimento. Aliás, aqui há uma interessante relação: entre os restos e o apagamento. Indubitavelmente, não só a paisagem ilustrava as marcas implacáveis do tempo. A resistência de muitos homens a aceitarem o uso da tecnologia, parecia um esforço endereçado à tradição. No entanto, o avanço tecnológico era algo ao mesmo tempo inevitável e violento. Parecia haver algo, demasiadamente, humano neste apelo a um outro mundo que não este. Contudo, havia uma sensível questão: como não fazer desta recusa uma renúncia? Em outras palavras, como não fazer desta precisa negação um apelo à restituição de um ideal? Um ideal que pode ser tão autoritário e violento quanto uma ideia de progresso que não cessa de se impor.

De acordo com o historiador, Didi-Huberman (2011, citado por Santos, 2017), para Benjamin o historiador seria algo como um catador de trapos, de restos. Como constituir uma operação de transmissão em torno desses restos, precipitados da narrativa do sujeito? Se a transmissão opera, justamente, a partir destes pontos que restam, como a narrativa pode ser capaz de sustentar estes vestígios? Lacan (1953/1998a) localiza, precisamente nesses vestígios, um lugar de fenda no saber por onde a verdade do sujeito emerge e é resgatada.

Conforme uma leitura benjaminiana, supomos que um dos compromissos daqueles que se ocupam do resgate histórico é oferecer possíveis alternativas que não coincida com dimensão da barbárie, produto de um discurso de vitória que impõe sua estrutura de verdade sobre os demais. Sobre esta lógica hegemônica, consolida-se uma homogeneização da história sustentada a partir de uma ideia de contínuo. Em oposição a esta perspectiva, a narrativa é, por consequência, um ato político. Neste caso, o resto não contado, ou até mesmo, esquecido seriam os fios da história. Fios que resguardam os vestígios e autenticidade que resistiu a uniformização da história. Assim, estes rastros que testemunham o passado, pois, que agora são marcas do presente, como uma vírgula, interrompem momentaneamente a imposição do

tempo, recolocando a potência do instante e do agora nas palavras do narrador. Recordando um interrogante da minha infância, proponho a seguinte questão: como transmitir as palavras que o “tempo” se esqueceu de apagar?

2.1 O ENCONTRO COM CLÍNICA

A ideia de escrever este trabalho começou a se constituir a partir da minha primeira experiência de atendimentos clínicos, ainda como estagiário do curso de psicologia. Nesta época, estava na metade da graduação, procurei um trabalho que me permitisse aprender e, sobretudo, que fosse um lugar que me colocasse em relação às demandas sociais. Neste sentido, pertencer a uma instituição que não fosse privada, tal como a faculdade que cursava, a meu ver, produzia outros efeitos na relação com o sujeito.

Posto isso, em função do meu estilo e da minha condição, pensei em trabalhar em uma instituição que atendesse crianças. Assim como elas, eu também estava dando os meus primeiros passos, desde um outro lugar, mas, talvez, com o mesmo entusiasmo de quem descobre a potência das próprias pernas. Desta maneira, procurei a APAE de Osório/RS. Apresentei minhas ideias e expectativas. É importante esclarecer que neste momento da vida, imaginava trabalhar em uma sala repleta de materiais didáticos, atendendo diversas crianças, em uma espécie de clínica transdisciplinar ancorada no discurso psicanalítico. Eu estava com uma ideia absolutamente imaginária do que poderia ser uma instituição pública, tal como a APAE.

Para a minha sorte, entendo assim hoje, mas não na época, o que me foi oferecido era completamente diferente: uma vaga no setor de equoterapia. Recordo-me de responder: “mas justamente com cavalos”? Naquele momento, me ocorreram inúmeras imagens. A ideia de trabalhar em um espaço que me remetia a inúmeras experiências tão familiares me assustava. Tomando como ponto de partida o ato da instituição que me oportunizava estar em uma outra situação que não aquela imaginarizada. Tomei esta oportunidade de estágio como um instigante desafio: como eu poderia operar uma transmissão a partir dos meus restos? O que eu poderia oferecer àquelas crianças?

Com o passar do tempo pude aprender muito com as crianças. A ideia de constituir, como dizem, uma escuta “afiada” me parece guardar esta potência de poder desfiar, isto é, uma escuta que possa acolher os significantes de cada história inscrevendo ou vislumbrando novas relações entre os significantes. Em relação a isso, o psicanalista Ricardo Goldenberg (2019) nos convida a pensar “uma clínica que não descobre, mas *inventa* aquilo que será

analisado” (endereço do blog). Encontrei nessa definição um elemento que eu já estava compondo como uma das lições mais radicais desta experiência clínica com as crianças. Sendo muitas vezes a própria criança o resto, fazer destes restos uma condição uma (*re*) *existência* seria a maior invenção e subversão.

Quanto a esta condição de inventar, me parece este um recurso fundamental do analista no que diz respeito a sua disponibilidade em relação à “abertura” do inconsciente. Com relação a isso, o trabalho transferencial é mútuo. Neste caso, da pesquisa acadêmica, a construção do caso clínico, estruturado como uma ficção atravessa, necessariamente, a fantasmática do analista. Com efeito, o que está em questão é produzir um *saber-fazer* com real. Quanto a isso, podemos fazer uma aproximação com o campo da arte. Ora, o que seria a arte, senão, tratar de um impossível?

Podemos pensar no trabalho do analista enquanto homólogo ao exercício do poeta. Tomaremos o poema enquanto um objeto construído pertencente à poesia³ capaz de carregar a verdade do poeta. A verdade, portanto, expressa o desejo do poeta. Pela lógica, o poema exprime o desejo do poeta. O poema é, por assim dizer, onde mora a verdade, o desejo do poeta e o seu olhar sobre o mundo.

Assim, nos ensina a poetisa portuguesa: “A Poesia e a poesia [em referência à distinção que expusemos anteriormente] não são criação. São realidade e vivência. Porém o poema é criação, é um objeto a mais no mundo, uma realidade entre as realidades” (Andresen, 1960, p. 54). A autora explica que: “O poema não explica, implica”. Isto é, não se trata de explicar o que é o mar, a praia, contudo de colocar em questão a relação do sujeito com os objetos em questão. Para Andresen (2011), “todo o poeta, todo o artista é artesão duma linguagem” (p. 839).

Assim, propomos uma metáfora que dialogue com as imagens que apresentamos acima sobre a relação entre os trabalhadores rurais e as crianças que frequentam a equoterapia. Se a poesia são os rastros apagados que indicam o enigma do sujeito, tal como um aluvião que demarca uma rasura; sendo assim, podemos pensar no poema enquanto significantes que falam de possíveis sentidos destas relações? Aqui parece haver uma importante confluência entra à *práxis* do psicanalista e a do poeta. A operação de transmissão proposta por ambos implica, inevitavelmente, em uma torção/reinvenção destas marcas.

³ Em seu célebre ensaio “Poesia e Realidade”, Sophia Andresen (1960) elabora a ideia de que a Poesia – com “p” maiúsculo – é “a própria existência das coisas em si, como realidade inteira [...]” (p. 53), ou seja, a própria realidade dos elementos do mundo. Já a poesia – com “p” minúsculo – define-se como a ligação do homem com a Poesia, isto é, “a poesia é a relação pura do homem com as coisas”.

Posto isso, não podemos menosprezar a escrita do caso clínico, que, tal como nos ensina Fédida (1991, citado por Silva, & Macedo, 2016), é oriunda dos pontos resistenciais produzidos via transferência, assim como as brechas abertas na relação entre saber e teoria. No tocante a isso, ele explica: “[...] o caso é uma teoria em germen, uma capacidade de transformação metapsicológica. Portanto, ele é inerente a uma atividade de construção” (Fédida, 1991, p. 230, citado por Silva, & Macedo, 2016). Com efeito, aquilo que resiste à escrita ou a sistematização da ficção aponta para os limites da escuta do analista, resguardando a condição inacabada da história. Assim, “cada história é ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta etc.” (Gagnebin, 1987, p. 13, citado por Santos, 2017). Esta perspectiva de incompletude é o que permite ao sujeito, enquanto efeito da relação entre significantes, inventar outros destinos para suas questões.

2.2 DO CAMPO À FOLHA: A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE CLÍNICA E TEORIA

*“o avanço do conhecimento não tolera qualquer rigidez,
inclusive em se tratando de definições”*

Sigmund Freud

A eleição desta modalidade de texto segue a fidelidade da posição do pesquisante⁴ em relação ao seu campo e objeto de estudo. Como campo da pesquisa, conforme nos ensina Caon (1994, citado por Iribarry, 2003), tomaremos o inconsciente. O que equivaleria ao objeto da pesquisa em outros campos teóricos, na pesquisa psicanalítica é o enfoque ou perspectiva, ou seja, a posição em que se situa pesquisador psicanalítico: posição do pesquisante em relação ao inconsciente.

Nesta perspectiva, quando tratamos de uma situação de pesquisa psicanalítica (SPP), invariavelmente, estamos nos remetendo à situação psicanalítica de tratamento (SPT), pois é desta que retira seu modelo (Caon, 1994, citado por Iribarry, 2003). A transferência é a característica identificatória da SPP a partir do modelo da SPT. Assim, o que distingue ambas as situações é o destino de cada transferência. Se na SPT a transferência será dissolvida, na SPP a transferência será instrumentalizada para a produção de um ensaio metapsicológico (Caon, 1994, citado por Iribarry, 2003).

Com relação à SPP, do que estamos tratamos especificamente, é sobre a relação transferencial do pesquisante com o seu objeto de pesquisa em psicanálise. Com efeito,

⁴ “*pesquisante*”, alude à combinação do pesquisador como analisante.

inevitavelmente, quando tratamos de transferência estamos necessariamente falando de uma *Erfahrung* tal como explica (Laplanche, 1987, citado por Iribarry, 2003) indicando que se trata de uma experiência que se transformou em aprendizado e saber. Com relação a isso, consideramos o que acrescenta Elia (1999):

O saber com que lidamos em psicanálise, sendo o saber do inconsciente, exige, como já dissemos, a transferência como modo de acesso. Tal exigência não poderia colocar-se exclusivamente no momento da pesquisa, confinada ao movimento do sujeito do saber em questão – o sujeito da pesquisa – em direção ao analista-pesquisador. (Elia, 1999).

Sendo assim, a transferência é efeito da relação do pesquisante com o objeto teórico-clínico sobre o qual recai o seu interesse de pesquisa em psicanálise. Pelo fato da psicanálise situar a transferência no próprio campo da experiência analítica, esta condição a diferencia de outras disciplinas as quais fazem do conhecimento um saber efetivo sobre o outro. A psicanálise, portanto, não busca elaborar um saber nem homogêneo nem definitivo acerca do sujeito. Ao contrário, é um dispositivo que permite o sujeito diante de um não sabido ou impossível produzir um saber, outro, acerca “(d)isso”.⁵ Por isso, supomos que nenhuma forma de saber está mais apropriada a dizer sobre o que é a verdade do que a psicanálise, não por causa de uma extensa bagagem de conhecimentos, mas porque fala de um lugar que permanece exterior ao alcance do discurso do conhecimento, *o outro* da razão (Stein, 1997). Pois a verdade está relacionada à posição do sujeito enunciante em relação à linguagem.

Retomando, a posição do pesquisador psicanalítico, portanto, é marcada por sua experiência clínica, ou seja, por aquilo que por ele foi vivido como analisante e como analista. Partindo, especificamente, de uma situação psicanalítica de pesquisa, o que está em questão é produzir novos conhecimentos e em um outro campo transferencial, que será marcado pelo testemunho e implicação do pesquisante o qual, neste caso, destina-se a construção de um ensaio clínico.

Outra questão fundamental na construção deste ensaio clínico é a relação de alteridade com os demais participantes desta pesquisa. Em especial, ao Laboratório de Psicanálise, grupo composto por outros pesquisadores sob a coordenação da professora Marta Regina de Leão D’Agord. Através do exercício de leitura-escuta que realizávamos, sistematicamente, toda semana, aos poucos, constituí uma direção da produção subjetiva que enfim, se materializou neste trabalho. Com efeito, a partir deste endereçamento foi possível reconhecer estas descobertas que advieram no só-depois enquanto elementos cruciais deste ensaio clínico.

⁵ Em referência ao inconsciente.

E, por fim, outra alteridade decisiva para a estruturação desta pesquisa foram às supervisões com a psicanalista Silvia Molina, que, ao longo de três anos, me permitiram um espaço de interlocução. Com efeito, pude transformar um saber sobre a psicanálise — em referência à teoria — num saber psicanalítico. Ainda sobre isso, nos ensina Fédida (1992, citado por Iribarry, 2003), para que o analista possa descobrir as implicações de sua compulsão a repetir algo, como também o lugar em negativo de sua impossível resposta à demanda do paciente, é preciso evocar uma alteridade para o trabalho de supervisão. Adiante, conclui: “a análise de supervisão é instauradora e constitutiva daquilo que se pode chamar de um caso na psicanálise” (Fédida, 1992, p. 231, citado por Iribarry, 2003).

Ali vimos à veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar
Era o verdadeiro
 (Sophia de Mello Breyner Andresen)

2.3 A CONSTRUÇÃO DO ENSAIO ENQUANTO REINVENÇÃO DA ESCUTA

A minha escolha pelo ensaio como gênero textual faz parte não somente de uma composição estética, mas, sobretudo, de uma aposta ética em relação à pesquisa. A renúncia ao ideal de certeza sustenta uma perspectiva de escrita livre, autêntica e entusiasta. Seguindo com coerência a lógica deste escrito, a intenção desta dissertação não é formar afirmações hegemônicas, tampouco, reiterar um saber já estabelecido. Ao contrário, estamos mais próximos da dimensão de (de)formar, tal como aquilo que se apresenta como uma expectativa normativa.

Neste caso, a deformidade nos concerne, seja ela presentificada no corpo imaginário da criança quando encaminhada por pais e/ou instituições, ou seja, aquela que nos constitui, que quando projetada nas lacunas do outro é nomeada como abjeto. Uma vez que, supostamente, não coincide com as imagens identitárias que constituem o sujeito. Em relação a isso afirma o filósofo: “O pensamento da identidade tem sido, ao longo da história, algo mortífero que devora tudo. A identidade está sempre, de modo virtual, relacionada à totalidade” (Adorno, 1983, p. 37, citado por Sousa, 2014).

Com relação a isso, este trabalho propõe uma subversão ao sublinhar a potência dos fragmentos em oposição à voracidade das evidências centralizadoras. Explico melhor, o

psicanalista ao disponibilizar-se aos encontros e desencontros contingenciais da palavra, inevitavelmente, aposta. Aposta, sobretudo, com o que ainda não tem. Por uma questão simples: ele não detém o saber. Entre sustentar a suposição de saber do outro e encarnar sua fantasia, há um espaço determinante que precisa ser circunscrito. Podemos pensar que a aposta ética psicanalítica contorna o vazio da existência a partir do novo, inventado pelo sujeito. Para Lacan (1972-1973/1985, p. 124), a verdade é "o que não se pode dizer. É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi-dizê-la".

Assim, não há porque subestimar o peso destas contingências, e a psicanálise menos do ninguém, sendo como um método para estudar como o acidental, se converte em estruturante e estrutural. Com efeito, o ensaio é um estilo textual que contempla esta característica de inacabamento e que abdica do poder conferido à ideia de domínio e de certeza. Este gênero opera em oposição a uma perspectiva descritiva que almeja apreender a realidade e que tem no horizonte o controle sobre as variáveis. O ensaio, por outro lado, desprende-se de uma ideia de totalidade e investe nos fragmentos, que não são detalhes⁶, pois estão remetidos à totalidade sem ceder ao fechamento com a completude.

Em relação a isso, tomamos como exemplo aquilo que aprendemos diariamente com as crianças. Para elas, não está em questão a totalidade do brinquedo, ela vibra com cada peça, como se cada uma guardasse um segredo, segredo contido na própria criança que empresta a cada pequena parte, uma confissão, intimidade que na relação entre todos estes fragmentos produzem uma, irreproduzível, brincadeira. Ora, esta situação só é possível, pois paradoxalmente, por ela não levar o brinquedo tão a sério, pode investir sua seriedade na brincadeira. Diferentemente do que para o adulto, como comumente, já fixado pela ideia da coerência e funcionalidade a criança, por ainda transitar as margens da cultura, consegue perceber aquilo que para seus pais encontra-se fora do alcance do olhar.

Como outra referência tomamos emprestadas as palavras do filósofo e poeta Manoel Ricardo de Lima⁷ que nos aponta a ideia de relevarmos a abolição de "formas", do "poder", e de "centro". "Tanto que não falo em formas de 'resistência'. Acho que a gente precisa deixar o centro mais vazio, e ocupar mais as laterais. É preciso pensar numa ideia de 'força de existência'. Essa é a minha principal questão".

Diante disso, propomos a seguinte questão: Resgatando a etimologia da palavra ensaio a qual seria comum ao verbo de origem latina "*exigo*", forçar para fora, expulsar, e, daí, exigir. Como constituir uma produção narrativa que contemplasse aquilo que pode não ser

⁶ O detalhe pode sustentar certa independência com relação ao fragmento.

⁷ Conforme aparece em reportagem feita por Felipe Gurgel (2018).

respondido? Deslocando a centralidade das afirmações, para a instabilidade da dúvida que convida o leitor atento a emprestar sua leitura-escuta, sem pretender restituir respostas que devolvam a centralidade do texto. Nesse sentido, algo sempre é perdido.

O trabalho percorre o caminho das margens, apostando nos segredos inconfessáveis que constituem o desejo para o próprio sujeito. Sejam os desejos de vida, ou seja, os desejos de morte. Desde as primeiras imagens infantis, ao tratarmos da população campesina, cada vez mais afastada das demandas sociais, até chegarmos à experiência de tratamento psicanalítico de crianças no dispositivo clínico de equoterapia.

Neste silencioso caminho, percorrendo os rastros do apagamento, a escrita como um ensaio tal como afirma o filósofo espanhol José Ortega y Gasset⁸ é “a ciência sem a prova explícita”. No lugar de um suposto objeto que restitui a certeza do outro, nesta trama narrativa, investimos nossos esforços na construção de um enigma. Justamente, pois o enigma contém aquilo que diz respeito as nossas dúvidas e assim, nos convoca a emprestarmos a nossa mais potente implicação, compartilhar o não-saber. No tocante a isso, nos lembra Fédida (1992, citado por Iribarry, 2003), há algo de enigmático no encontro do analista com cada nova direção de tratamento.

Neste sentido, o ensaio, ao se constituir por uma outra temporalidade, dispensa uma perspectiva desenvolvimentista elucidatória. Aliás, é uma escrita que, para avançar, retroage. Assim como uma criança que escuta dez vezes a mesma história e se entusiasma com a novidade, como quem escutaria pela primeira vez. Para Adorno, o ensaio é também uma espécie de entusiasmo infantil, que faz com que alguém, como uma criança, não tenha “vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (Adorno, 2012, p. 16).

Mais uma vez, aprendemos com a criança que insiste em consertar o brinquedo esfarrapado. Não se trata de um apelo a um novo brinquedo. Aliás, este é um sintoma de muitos pais, o apagamento do registro ficcional que é tecido nas montagens e desmontagens do infante em relação ao seu velho brinquedo. Muitos não suportam e compram um novo objeto, na expectativa de cessar o encontro inevitável com a finitude. A ficção opera justamente sobre este impossível. As linhas tortas contornam a evidência do incontornável e somente a flexibilidade da ficção para desviar dos excessos da realidade, para, assim, produzir outros desfechos.

Resgatando novamente a etimologia da palavra ensaio. Nas proximidades desse termo se encontra o latim “*examen*”: agulha da balança. Também podemos encontrar outro sentido

⁸ Conforme aparece em reportagem feita por Eduardo Cesar Maia (2018)

para “exame”, aquele que designa o enxame de abelhas. Com efeito, formulamos tal interrogante: seria o ensaio, um enxame de palavras, tal como uma agulha afiada a tecer novas ficções? Ou como dito no ditado popular, poderia produzir o ensaio, na sua vocação provocadora e autêntica uma agulha para descarrilar trem? É com esta imagem entre construção e desconstrução que nos apoiamos no ensaio enquanto gênero textual que “diverge das fixações indenitárias do hábito e dá lugar à invenção de conexões imprevistas” (Lopes, 2012, p. 130).

chegávamos ao fim da última sessão em que construíamos o brinquedo, ele me diz: “Puxa vida, Paulo! Juro que não sabia que ter uma espada dava tanto trabalho”.

Com relação a isso, o trabalho clínico percorre determinada especificidade: brincando, a criança, pode colocar em ato uma torção daquilo que os pais se empenham em transmitir a ela. E mais ainda, brincando, ela tem a possibilidade de perfurar o narcisismo dos pais para não se fazer esmagada por imagens sufocantes. Assim, neste espaço, ela pode viver os dramas e produzir outros destinos que não o traumático anunciado pela imposição/impostura dos pais. É interessante lembrarmos que o termo *troumatisme*, criado por Lacan (lição de 19/02/1974), alude à dimensão de trauma, como um buraco no interior do simbólico. O simbólico tomado como um sistema das representações (*Vorsterllungen*). O sintoma é a resposta do sujeito ao traumático real (Miller, 1997, citado por Marcos, & D’alessandro, 2012). E quando esse não é absorvido pelo simbólico, poderá advir como angústia.

Neste caso, daremos continuidade à pergunta: E quando o pai não se deixa ser morto? Como adulto, nos concerne, mais uma vez, rasurarmos nossas imagens como também permitir que elas venham a ser literalmente rabiscadas. Nestas rasuras sobre o narcisismo dos pais, o infante produz outros destinos para a própria agressividade familiar, indubitavelmente, uma marca inerente à condição humana. Fazer deste ímpeto um combustível para se relançar na busca intransitiva do desejo, me parece o que há de mais genial na condição de ser criança, operação esta que para nós, adultos, é tão difícil compreender e para alguns, até mesmo suportar.

Nesta perspectiva, há uma significativa questão importante a ser pontuada: Quando falamos de transmissão do desejo, aludimos, necessariamente, à dimensão da falta enquanto constituinte da própria condição de desejar. Sendo assim, para a criança, o que ela encontra e interroga no Outro é justamente o ponto de *não-saber*, no qual está contida uma “suposta certeza”. Conforme Vanier (2006), nesse lugar é preciso abster-se cuidadosamente de inscrever uma certeza que funcione como um tampão, que faça extinguir a curiosidade do pequeno perguntador que tenta limitar essa abertura no Outro. Assim, quando os cuidados de uma criança não representam para um adulto um campo de experimentação ética capaz de tensionar os próprios limites em relação à linguagem, o que resta para a criança?

De acordo com Lacan, a perda convoca toda trama simbólica, real e imaginária para reposicionar o sujeito (Lacan, 1959-1960, citado por Indursky, & Kveller, 2017). Isto é, transmissão e herança não seguem uma lógica linear. Aquilo que os pais transmitem ao infante não coincide necessariamente com a produção inconsciente de cada um. Por isso, tratamos de uma posição subjetiva em relação ao outro, visto que não se trata de uma relação

causa e efeito. Desta forma, uma das especificidades da psicanálise em relação a outras terapêuticas, é que ela nos oferece um suporte para testemunharmos através da escuta do sujeito, uma possível invenção de um saber-fazer com o real. Tal qual o exercício poético, no qual o poeta frente à impossibilidade de um sentido pleno conjuga com o sentido do leitor. Assim, a cada nova leitura, um novo poema.

Com relação a isso, a etimologia das palavras nos ajuda a precisar do que pode se tratar a operação de transmissão. Inventar vem do latim, *inventio*, “achado, descoberta”, e resto, vem de restar do latim *restare*, ficar, permanecer. Ou seja, o que podemos fazer com os restos que permanecem? Seria, precisamente, isso um saber-fazer com o real. A respeito disso, evocamos as palavras da canção “Sem diploma” do *payador* gaúcho Jayme Caetano Braun:

*Meu tetravô foi fronteiro,
meu bisavô domador,
o meu avô - alambrador
e o meu pai foi carreteiro;
a mim não sobrou dinheiro
pra cursar a faculdade,
mas tive a felicidade
graças ao nosso senhor
e me tornei payador
pra guardar a identidade!*

Isso que o *payador* nos mostra em ato na sua poesia, é o desafio do psicanalista no seu trabalho, tomado como um impossível para Freud. É poder, no caso do tratamento de uma criança, não só com o pequeno paciente, mas também com os familiares, deslocar a fixidez de uma continência para uma contingência. Aproveitando a metáfora da arte, se uma análise representa a construção de uma situação para a criação, ora, como podemos constituir juntamente com os pequenos artesãos que nos procuram, restaurar aquilo que restar? É, especificamente, pela impossibilidade dos adultos se apropriarem dos significantes, a criança deve ocupar o papel de produtora, isto é, exercer na sua radicalidade a criação.

Posto isso, transmitir é, portanto, assumir a própria finitude e presentificá-la em uma aposta. A seguinte questão nos remete às palavras de Galeano (1991/2002):

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (p. 12).

Tomamos emprestada esta preciosa metáfora de Galeano que nos ajuda a perceber como o menino conta com o pai para ajudá-lo a estender o seu olhar. Frente à imensidão do mar, a referência do pai é também um anteparo ao excesso. O menino ao recorrer ao pai, o convoca a partir da sua demanda de resistência em relação ao excesso do mar/amar. Com essa cena poética, Galeano, precisamente, nos ensina do que se trata na transmissão do desejo. O pai, ao levar e apresentar o filho ao mar compartilha com o garoto o silêncio e a hesitação da própria finitude, efeito do contraste entre a imensidão do oceano e a efemeridade do pai. A criança, por sua vez, enquanto um outro efêmero, recorre ao pai para resistir a infinitude do oceano.

Nesta perspectiva, formulamos o seguinte interrogante: Como transmitir a finitude da função do pai? Retomando aquilo que escrevemos ao longo do trabalho, em que condições é possível rasurar a memória do pai para que, paradoxalmente, sua história não seja apagada?

Nossa ideia não é esgotar o alcance destas perguntas a partir de uma tentativa presunçosa de conclusão. Contudo, elegemos alguns elementos que nos ajudam a seguir nesta problematização. Como uma possibilidade de destino às palavras do pai, tomamos como referência a experiência clínica da psicanalista Maria Rita Kehl em seu trabalho de escuta dos camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. Aqui destacamos não apenas a sensibilidade e o compromisso ético da psicanalista, mas também gostaríamos de sublinhar a potência do movimento social no sentido da aposta e luta pelo desejo. Com relação a isso, aponta Kehl (2009): “Não é no amor que eles buscam indicadores de seu valor para o Outro - é na “luta””.⁹ Esta frase um tanto provocativa nos revela uma outra condição de sustentação do desejo enquanto balizador do laço social. Isto é, estabeleceremos uma analogia entre o desejo, enquanto “objeto intransitivo” da militância dos trabalhadores camponeses e o desejo do analista.

Restringir a luta social dos *sem-terras* a míseras marcações de terras, seria desconhecer toda a luta de classe, o empenho por uma agricultura sustentável, comunitária, saudável dentre outras questões. Desta forma, o psicanalista, enquanto um militante do desejo, não deseja um objeto cognoscível. De acordo com Rinaldi (2017), “por trás do amor de transferência, há afirmação do laço do desejo do analista com o desejo do analisante” (s/p).

⁹ Em entrevista dada ao Portal Vermelho, “A psicanálise e o MST: entrevista com Maria Rita Kehl” (Kehl, 2009)

Neste caso, o psicanalista, ao remeter ao enigma do desejo, aposta que o sujeito possa vir a ocupar uma posição de agente causa de desejo (Lacan, 1969-1970/1992 p. 168), isto é, provocar o desejo de saber no outro.

Como outro exemplo nesta direção, podemos citar o recente acontecimento carnavalesco deste ano de 2019. A escola de samba Estação Primeira de Mangueira ao brindar-nos com o seu primoroso hino “História para ninar gente grande” trata justamente da produção de novas imagens. Imagens estas soterradas, abafadas e, reiteradas vezes, denegadas. Destaco apenas diante da infinitude poética desta letra, a seguinte estrofe:

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde- e- rosa as multidões

Neste caso, a composição de um país, não se restringe apenas a exaltação dos grandes mestres. Para além da genialidade de Jamelão e Leci, há também uma multidão! Deste modo, a escola ao homenagear referências políticas e culturais da nossa história, tais como: Marielle Franco, Jamelão, Dandara não esquece também do esforço e esmero do nosso povo. Aqui, os heróis estão, necessariamente, remetidos a nossa população. O que homenageamos nesta noite não é apenas uma reverência aos nossos heróis adormecidos, é o reconhecimento daqueles que não puderam existir. Neste caso, tomaremos como herança destes “país” que nos precedem, o compromisso e o desejo de seguir contando a história. Posto isso, nos ensina Lacan: “A verdadeira função do Pai ... é, fundamentalmente, unir [e não opor] um desejo à Lei” (Lacan, 1966/1998d, p. 824). A respeito desta dimensão do esquecimento, nos despedimos com as palavras de Pasolini, as quais seguem reverberando em meio a sua ausência.

Uma desesperada vitalidade

“Quanto ao futuro, escuta:
Seus filhos fascistas
Velejarão
Para os mundos da Nova Pré-História.
Eu estarei lá,

*Como aquele que
Espera
Às margens do mar
No qual recomeça a vida.
Só, ou quase, no velho litoral
Entre ruínas de antigas civilizações,
Ravena
Óstia ou Bombaim — é igual —
Com Deuses que se descascam, problemas velhos
— como a luta de classe —
Que se dissolvem...
Como um guerrilheiro
Morto antes do maio de '45,
Começarei aos poucos a me decompor,
E na luz dilacerante daquele mar,
Poeta e cidadão esquecido”.*

Pier Paolo Pasolini

(Tradução: Franco Maria Jasiello)

7. MOMENTO DE CONCLUIR: UMA ESCRITURA QUE NÃO CESSA

"A verdade pode não convencer, o saber passa em ato."

Jacques Lacan

Suportar o fim é a condição para seguir. Para marinheiro que faz da travessia seu destino, encarar uma pausa é também uma oportunidade para se haver com os rastros que o próprio percurso, aos poucos, desenhou na natureza. Tal como a marca efêmera das espumas que o barco produz na água ao cortar o oceano, o trabalho clínico pode também operar transformações na paisagem. Aliás, é deste preciso deslocamento que tratamos: se antes o que estava em questão era uma dimensão contemplativa fatalista da paisagem, o que propomos é o contrário: Quais outras possibilidades para o significante *paisagem*? Na medida em que a escrita se desdobra, proponho uma: "pais-agem".

Seguindo o fio associativo (*Einfall*), o trabalho enquanto um recorte clínico de um dispositivo psicanalítico de equoterapia - bem como também composto por outras cenas clínicas - aponta para um limite no horizonte. Como tornar passível de transmissão este saber-fazer com o impossível da transmissão? A trajetória acadêmica relativa a esta pesquisa foi paulatinamente sendo construída como um recurso para dar sequência nestas imagens, até então, sustentadas por um saber-fazer clínico. Para além de eternizarmos o instante, buscamos meios de produzir novas imagens sem intencionar replicá-las, em uma espécie de "cópia", uma repetição do mesmo.

O trabalho clínico, ao postular um horizonte *indecidível*, avança na medida em que é possível fundar novas referências. Assim como a criança brinca de inventar, isto é, em subverter a forma e funcionalidade do brinquedo, "o que ressaltamos do caráter ético do exercício do analista é um gesto, um começar, que é todo ele deserto, ermo, termo, vazio do começo e esquecimento, um começar para a destruição". (Lima, 2008, p. 4)

É justamente sobre esta curiosa relação entre "começar" e "destruição" que investimos nossa atenção. O ato clínico, enquanto puro acontecimento da linguagem, ao operar um corte sobre a cadeia significante produz como efeito uma descontinuidade, colocando em suspensão o domínio sobre o excesso de sentido. Neste caso, como relevamos nesta pesquisa, o trabalho clínico sustentado a partir da ética psicanalítica ganha potência, pois constitui junto à criança, uma situação que a permite fazer da palavra um campo de experimentação.

A partir disso, é possível, fazer um deslocamento entre a arbitrariedade do signo psicopatológico à produção de novos sentidos. Sendo assim, o significante, enquanto "pura

diferença”, no enlace a outro significante, produz uma efêmera significação, sem consistência nem permanência fixa. Neste caso, a experiência clínica nos ensina algo que está presente no poema de Ana Cristina Cesar: Como rasurar a paisagem?

Novamente, na medida em que tomamos a *paisagem* enquanto um significante, quais outros destinos podemos operar a partir desta palavra? Esta dimensão do apagamento, da paisagem inicial - ou pelo menos de sua suspensão - é condição para que possamos produzir novas inscrições. Através da escrita, isto é, como diria Sousa (2006), a escrita enquanto materialização da experiência da perda, propomos neste momento conclusivo um deslocamento entre *paisagem*, *pais/agem*, *pa(i)ssagem* e *paisano*.

No que concerne à experiência de transmissão trata-se de um significativo desafio: Como um ato pode operar uma transformação na paisagem? Neste caso, para muitos pais a imagem que sustentava o seu interesse no dispositivo de equoterapia, era a satisfação de perceber seu filho figurando naquele cenário. O que parecia estar em questão era uma dimensão contemplativa da sua perspectiva em relação ao filho, isto é, um olhar extasiado que encontrava satisfação na confirmação de um ideal distante.

Assim sendo, o tratamento clínico para além de produzir imagens que sustentem o imaginário parental, convoca os pais a intervirem sobre a paisagem. Isto é, na medida em que se pode fraturar a própria dimensão especular, é possível operar uma torção entre aquilo que se espera ao filho e o indecível da transmissão. Deste modo, tratamos inevitavelmente de uma perda, a qual não se trata da morte do investimento, senão de um reordenamento pulsional, que leve em conta a queda narcísica dos agentes dos cuidados subjetivos.

A partir dos casos aqui trazidos e das nossas articulações teórico-clínicas, pensamos que esta passagem referida de uma posição contemplativa para uma *ocupa/ação* da cena tem como efeito clínico o que nomeamos, metaforicamente, da transição de uma perspectiva bidimensional para uma perspectiva tridimensional. Em outras palavras, a inscrição do significante, efeito do desejo não-anônimo dos pais, incide sobre o corpo da criança de modo a operar uma transformação na própria leitura da realidade da criança. Seguindo nessa proposição, sugerimos que só é possível produzir novas imagens (dar-lhes outra dimensão) a medida que se pode rasurá-las. Além disso, no trabalho clínico, suportar os efeitos desse apagamento é haver-se com o impossível de cada caso. É em relação a essa ideia que incidimos o deslizamento sonoro associativo da palavra *paisagem* nos remete a *passagem*, indicando a efemeridade e contingência do significante.

Dito isso, podemos pensar outro sentido para *passagem*, mais próximo a uma espécie de bilhete/passe que permite o acesso em direção a algo (aliás, a própria palavra *passagem*

contém a noção de um deslocamento temporal). O que atentamos neste caso é à ideia de um endereçamento que transpõe o ponto de referência. Ou seja, ao pensarmos a transmissão, necessariamente, tratamos de um *só-depois*. Deste modo, não se trata necessariamente do que se recebe do Outro, mas desta outra coisa: trata-se precisamente daquilo que se perde. Freud (1913/2012) ao evocar a célebre frase de Goethe em Totem e Tabu percebe esta relação: "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu". Não há, pois, uma correlação linear entre a herança e apropriação; Não necessariamente o que nos é destinado é o mesmo que será tomado.

Seguindo o deslizamento entre *paisagem-passagem* encontramos o significante *paisano*, como desdobramento de *paisagem*. *Paisano* tem sua etimologia da palavra francesa “*pays*”, do latim *pagus* (campo), que dá origem a outras palavras tais como “paisagem” e “país”. A palavra *paisano* se refere a pessoas do mesmo país, conferindo uma ideia de pertencimento. É sobre isso que tratamos: como operar um deslocamento da *paisagem* a *paisano*. Não que este seja um ideal, um caminho necessário a ser percorrido. Contudo, do que tratamos neste escrito, são dos possíveis rearranjos para os significantes do pai.

Apropriar-se das palavras do pai implica fundar uma nova forma de destiná-las. Conforme nos ensina o poeta e arquiteto Joaquim Cardozo, a “forja da destruição”; isto é, cumprir o caráter destrutivo tal como aponta Benjamin: arejar, abrir caminhos, romper espaço. Do que se trata da transmissão senão dos restos que insistem? Talvez seja este o paradoxo que nos sustentamos neste momento: De que a condição para haver transmissão atravessa necessariamente o fracasso da hegemonia. Com relação a isso, acrescenta Benjamin “Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas.” (Benjamin, 1987, p. 237, citado por Lima, 2008).

Deste modo, entre estas imagens de restos e ruínas o que se destaca é o caráter singular de cada elemento e sua relação com o sujeito. A própria dimensão de *paisano*, ao remeter uma ideia de pertencimento a um campo, trata do que há de mais *êxtimo* ao sujeito: o campo do inconsciente. Topar, na polissemia da palavra, com o *Unbewusste* é destacar do Outro aquilo que nos concerne. Com relação a isso, nos despedimos com a ideia que Kafka¹⁰ no transmite: a partir de certo ponto não há mais retorno. Esse é o ponto que deve ser per/seguido...

¹⁰ Citação de memória do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, T. W. (2012). O ensaio como forma. In T. Adorno, *Notas de literatura I* (pp. 15-47). São Paulo, SP: Editora 34.
- Amaral, A. L. (2018). Uma poesia como rasura em Carl Friedrich Claus e Ana Hatherly. *Pandaemonium Germanicum*, 21(33), 36-63.
- Andresen, S. de M. B. (1960). Poesia e realidade. *Revista de Artes e Letras*, (8), 53-54.
- Andresen, S. de M. B. (1996). *Navegações*. Lisboa: Caminho.
- Andresen, S. de M. B. (2011). *Obra poética* (Ed. C. M. de Sousa). Alfragide: Editorial Caminho
- Arendt, H. (2002). *O que é política*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Assoun, P-L. (2003). De Freud à Lacan: Le sujet du politique. *Cités*, (16), 15-24.
- Badiou, A. (1995). *Ética um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Badiou, A. (1996). *O ser e o evento* (M. L. X de A. Borges, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Bergès, J. (2008a). Função estruturante do prazer. In Centro Lydia Coriat, *Escritos da criança Nº 2*. Porto Alegre, RS: Centro Lydia Coriat. (Trabalho original publicado em 1985)
- Bergès, J. (2008b). O corpo e o olhar do Outro. In Centro Lydia Coriat, *Escritos da criança Nº 2*. Porto Alegre, RS: Centro Lydia Coriat. (Trabalho original publicado em 1988)
- Blom, K. B. (2018). *Oficina do Brincar: um dispositivo clínico lógico-lexical para “crianças que ainda não brincam”*. (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Catão, I. (2010). A voz na clínica psicanalítica com os que não falam. In D. Barbosa, & E. Parlato-Oliveira (Orgs.), *Psicanálise e Clínica com Bebês: Sintoma, Tratamento e Interdisciplina na Primeira Infância* (pp. 112-124). São Paulo, SP: Instituto Langage.
- Costa, A. O. (2014). *Sujeito <> Cultura. Uma relação com efeitos de transmissão* (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de <https://lume.ufrgs.br>
- Coriat, L., & Jerusalinsky, A. (1996). Aspectos estruturais e instrumentais do desenvolvimento. In Centro Lydia Coriat (Org.), *Escritos da Criança Nº 04*. Porto Alegre, RS: Centro Lydia Coriat.

- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3).
- Silva, C. M. da, & Macedo, M. M. K. (2016). O Método Psicanalítico de Pesquisa e Potencialidade dos Fatos Clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 520-533.
- Freud, S. (1975). Construções em análise. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira: Moisés e o monoteísmo, esboço da psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Strachey, trad., pp. 289-304). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In: S. Freud, *Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil; ("O homem dos lobos"); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. de Souza, trad., pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010b). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas volume 18: o malestar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930- 1936)* (P. C. de Souza, trad., pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (P. C. de Souza, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (P. C. de Souza, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In, S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 53-66). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Galeano, E. (2002): O Livro dos abraços (E. Nepomuceno, trad.). Porto Alegre, RS: L&PM (Trabalho original publicado em 1991)
- Goldenberg, R. (2019, 13 mar). A propósito da resenha de “Desler Lacan”, escrita por Christian Dunker para a Folha de SP. Algumas reflexões. *Ricardo Goldenberg psicanalista – Blog*. Recuperado de <https://ricardogoldenberg.com.br/2019/03/13/replica-a-christian-dunker-a-proposito-da-sua-resenha-de-desler-lacan/>
- Gurgel, F. (2018, 21 jul). A guerrilha de Manoel Ricardo. *Diário do Nordeste*. Recuperado de <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/a-guerrilha-de-manoel-ricardo-1.1972990>

- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138.
- Jerusalinsky, J. (2011). *A criação da criança. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador, BA: Editora Agalma.
- Kamers, M., & Baratto, G. (2004). O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(3), 40-47.
- Kehl, M. R. (2009, 15 jul). A psicanálise e o MST: entrevista com Maria Rita Kehl. *Portal Vermelho*. Recuperado de <http://www.vermelho.org.br/noticia/56138-1>
- Koltai, C. (2010). *Totem e Tabu – um mito freudiano*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira.
- Indursky, A. C., & Kveller, D. B. (2017). Freud e o judaísmo: luto, trauma e transmissão. *Psicologia USP*, 28(3), 405-413.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1986). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (A. Roitman, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998b). O seminário sobre a carta roubada. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998d). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003a). *Lituraterra*. In J. Lacan, *Outros escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2003b). Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (S. Laia, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976-1977)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Levin, E. (1995). *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima, M. R. (2008). Joaquim Cardozo e uma poética do esforço. *Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 11*. São Paulo, SP: USP.
- Lopes, S. R. (2012). Do ensaio como pensamento experimental. In S. R. Lopes, *Literatura, defesa do atrito* (pp. 121-131). Belo Horizonte, MG: Chão de Feira.
- Maia, E. C. (2018, 18 ago). Poesia do pensamento: a retórica do ensaio em Octavio Paz. *Estadão*. Recuperado de <https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/poesia-do-pensamento-a-retorica-do-ensaio-em-octavio-paz/>
- Marcos, C., & D'alessandro, C. (2012). Figuras psíquicas do trauma: uma leitura lacaniana. *Revista aSEPHallus*, 8(15). Recuperado de www.isepol.com/asephallus
- Milan, B. (1995). Alain Didier-Weill: A psicanálise e a música. *Betty Milan - site*. Recuperado de <http://www.bettymilan.com.br/alain-didier-weill-a-psicanalise-e-a-musica/>
- Molina, S. E. (2010) Grupo de estudo: Uma experiência de leitura psicanalítica do desenho e a sua importância na psicanálise com crianças e para as outras disciplinas da clínica inter e transdisciplinar. Recuperado de <http://lydiacoriat.com.br/centro-de-estudos/grupos-de-estudo/>
- Molina, S. E. (2018) A presença estruturante das funções parentais no momento da matriz simbólica. *Inédito*.
- Pereira, M. R. (2012). O sintoma ou o que o sujeito tem de mais real. *Revista Espaço Acadêmico*, (113), 52-59.
- Quinet, A. (2004). *Um olhar a mais: Ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Rickes, S. (2005). Notas sobre a transmissão da diferença. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (28), 113-120.
- Rinaldi, D. (2017). O desejo do analista na instituição pública de saúde mental. *Correio da APPOA*, (268). Recuperado de http://www.apoa.com.br/correio/edicao/268/8203o_desejo_do_analista_na_instituicao_publica_de_saude_mental/483
- Santos, I. (2017). Entre restos e rastros: a história aberta e seus recomeços. Notas a partir de Benjamin e Didi- Huberman. *Revista ARA*, (2), 17-36.

- Soleiro, R. (2015). *A sabedoria da incerteza. Imaginação literária e poética da obrigação*. Vila Nova de Farmalicao: Edições Húmus.
- Sousa, E. L. A. (2006). Escrita das utopias: litoral, literal, litoral. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* (31), 48-60.
- Sousa, E. L. A. (2014). Agulhas para desativar bombas. *Correio da APPOA*, (231). Recuperado de http://www.apoa.com.br/correio/edicao/231/agulhas_para_desativar_bombas/59
- Vanier, A. (2006). Tem medo de quê? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 285-298.
- Vorcaro, A. (1999). Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas. *Estilos da Clínica*, 4(7), 52-72.
- Vorcaro, A. (2003). Sob a clínica: Escritas do caso. *Estilos da Clínica. Revista sobre a infância com problemas*, 8(14), 90-113.
- Vorcaro, A., & Veras, V. (2008). O brincar como operação de escrita. *Estilos da Clínica*, 13(24), 24-39.
- Vorcaro, A. (2004). O saber insabido da criança. *Colóquio do LEPSI: os adultos, seus saberes e a infância*, 4 (p. 11-18). São Paulo, SP: LEPSI/FEUSP.
- Zbrun, M. A. (1999). *Lacan e o campo do gozo*. Rio de Janeiro, RJ: Revinter.